

A Ilíada de Homero
adaptada para jovens



Frederico Lourenço

Ilustrações de
Richard de Luchi

claroenigma

Copyright do texto © Frederico Lourenço e Edições Cotovia,
Lda., Lisboa, 2014
Copyright das ilustrações © Richard de Luchi e Edições Cotovia,
Lda., Lisboa, 2014

Todos os direitos reservados.
Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas/
Secretaria de Estado da Cultura.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e ilustração da capa CLAUDIA ESPÍNOLA DE CARVALHO

Ilustrações RICHARD DE LUCHI

Preparação ANA MARIA ALVARES

Revisão ISABEL JORGE CURY
NINA RIZZO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Lourenço, Frederico

A Ilíada de Homero adaptada para jovens / por Frederico
Lourenço ; ilustrações de Richard de Luchi. — 1ª ed. — São Paulo :
Claro Enigma, 2016.

ISBN 978-85-8166-129-2

1. Literatura infantojuvenil 2. Mitologia grega
(Literatura infantojuvenil) I. Luchi, Richard de. II. Título

Índice para catálogo sistemático:

1. Ilíada : Mitologia grega : Literatura infantojuvenil :
028.05

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 71

04532-002 – São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 3707-3531

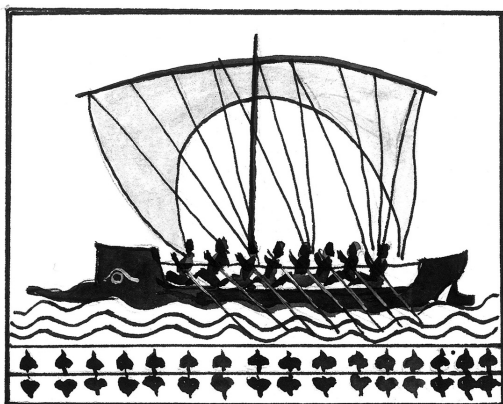
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. O conflito 9
2. O sonho 21
3. O duelo 33
4. O erro de Pândaro 40
5. Diomedes combate os deuses 52
6. Cenas de família em Troia 73
7. Zeus proíbe os deuses de combater 80
8. Na tenda de Aquiles 91
9. Uma emboscada noturna 100
10. O engano de Zeus 116
11. A morte de Pátroclo 131
12. As armas de Aquiles 151
13. Aquiles regressa à guerra 164
14. A morte de Heitor 179
15. Honras fúnebres 193

Posfácio 221



1. O conflito

No começo do tempo, de ouro era a raça dos homens na terra. Eram como deuses, viviam sem desgraças, não sabiam o que era o sofrimento. Não envelheciam e, se um dia morriam, a morte não era mais que um suave adormecer. A primavera durava centenas de anos, e a terra oferecia frutos abundantes; não era preciso trabalhá-la. A vida tinha o brilho da felicidade permanente, e a morte era, também ela, feliz.

Mas o tempo, a que tudo está sujeito, determinou que depois dessa raça viesse a raça de prata. Agora já havia primavera e verão, mas os homens eram piores do que os anteriores. Os homens dessa raça tinham uma infância de cem anos; mas, depois de adultos, viviam por pouco tempo. Eram vaidosos e inconscientes: o que mais lhes importava era verem-se no espelho dos objetos que fabricavam, feitos de prata. Por sua própria loucura sofreram desgraças e entre si mostraram arrogância desmedida.

Depois que a terra cobriu essa raça, veio o inverno e a tremenda raça de bronze. Estes eram homens temíveis, que não comiam

pão; alimentavam-se só de carne abundante e dedicavam-se apenas a matar. Tinham uma força imensa, eram possantes e enormes; maltratavam as mulheres e todos os mais fracos. De bronze eram as suas armas, de bronze as casas, em bronze trabalhavam (pois o ferro ainda não existia). Mas, apesar de temíveis, a morte venceu-os: acabaram por se matar uns aos outros.

Depois dessa raça, horrível e sangrenta, veio pela primeira vez a estação do outono e com ela uma quarta raça de homens. Esta foi a raça dos heróis e semideuses. Eram atletas perfeitos e nobres guerreiros, que viviam segundo as leis da honradez. No entanto, essa raça foi vítima das armas. Todos acabaram morrendo. Envolveram-se numa guerra tão justa quanto injusta, que os levou em naus da Grécia para Troia. A causa foi Helena, que Páris, o troiano, raptara a Menelau. Ora, o rei Menelau tinha recebido Páris na Grécia, no seu palácio revestido de ouro; deu a ele gentil hospitalidade. Mas Páris ignorou as leis da honradez, pois a loucura do amor sobrepôs-se à razão. Raptou Helena do palácio do marido, e com ela navegou até Troia.

Indignados com tal ofensa, todos os gregos se uniram. Juntou-se um grande exército, que da Grécia partiu para Troia. Mil naus carregadas de armas e soldados venceram o mar e asentaram acampamento à frente de Troia, cidade riquíssima cujo rei era Príamo, pai já idoso de Páris. Durante nove anos os gregos sitiaram a cidade; durante nove anos sofreram fome, frio, privações e doenças. Mas os troianos recusavam-se a entregar Helena, que permanecia escondida no palácio de Príamo, pois receava mostrar-se aos troianos. Ela passava os dias diante do tear, tecendo uma grande e colorida tapeçaria, em que bordava a história de todos os combates que gregos e troianos por ela travavam.

Os troianos não cediam; os gregos desesperavam. Mas um dia, de repente, algo estranho ocorreu no acampamento dos gregos: os animais começaram a morrer. Os cães do acampa-

mento, que os soldados gregos tinham se habituado a alimentar começaram a morrer; depois morreram os cavalos. Em breve começaram os homens a morrer de doença negra e funesta. As piras dos mortos ardiam continuamente.

Vendo o que se passava, agitou-se o coração do melhor de todos os gregos; ao ver as mortes de cavalos e homens, Aquiles reagiu depressa. Logo tratou de convocar uma assembleia, chamando todos os reis gregos que tinham vindo para Troia. Convocou Menelau, o primeiro marido de Helena, e Agamêmnon, irmão de Menelau, que chefiava a expedição dos gregos. Convocou Ulisses, rei de Ítaca, conhecido pela inteligência das suas artimanhas; convocou os grandes guerreiros Ajax e Diomedes, assim como o distinto ancião, o velho Nestor, o mais sábio de todos quantos tinham vindo para Troia. Não se esqueceu de convocar o ilustre adivinho, Calcas, que sabia ler a vontade dos deuses, pois só ele podia dizer se havia uma razão que explicasse a epidemia que tudo matava no acampamento. E Calcas soube explicá-la.

Mas a razão da epidemia não agradou a Agamêmnon. Era tudo por causa da bela Criseida, cativa de guerra, que ele se recusara a entregar ao pai. É que, na impossibilidade de saquear a cidade de Troia, ao longo dos nove anos em que estiveram acampados, os gregos conquistaram as cidades vizinhas, de onde levavam as mulheres para serem suas escravas. Era o que tinha acontecido a Criseida, de quem Agamêmnon acabou se enamorando.

O adivinho, na assembleia, lembrou o seguinte: o pai de Criseida era sacerdote de Apolo. Ele tinha vindo, havia poucos dias, ao acampamento dos gregos, carregado de ouro e prata, para resgatar a filha e levá-la de novo para casa. Mas Agamêmnon o tinha mandado embora com palavras agressivas, dizendo-lhe com violência:

— Que eu nunca mais volte a vê-lo aqui, ó ancião! Não volte nunca mais, pois de nada lhe servirá ser sacerdote de Apolo. Não libertarei sua filha. Ela ficará aqui comigo; e comigo irá quando eu voltar para a Grécia. Retire-se imediatamente! Não me encolerize, para partir são e salvo. Faça como eu digo, para que nenhum mal aqui lhe aconteça.

Fora assim que Agamêmnon maltratara o sacerdote de Apolo. O ancião, choroso, amedrontara-se e obedecera às palavras ouvidas. Caminhou em silêncio junto da praia do mar cheio de ondas. Depois de ter se afastado para longe, levantou as mãos e rezou ao deus Apolo:

— Ouça-me, Senhor do Arco de Prata! Lembre-se da dedicação com que cuido do seu templo. Conceda-me agora esta dádiva: que com as suas flechas os gregos paguem as minhas lágrimas!

Assim rezou. E Apolo ouviu-o. Desceu do Olimpo, morada eterna dos deuses, com o coração agitado de ira. Nos ombros trazia o arco e a aljava. Chegou ao acampamento como chega a noite. O deus sentou-se depois a uma pequena distância e disparou uma seta: terrível foi o som produzido pelo arco de prata. Primeiro atingiu os cães e os cavalos. Depois começou a disparar contra os homens, que logo morriam de doença horrível. Era essa a causa da epidemia.

Assim que o adivinho deu a sua explicação, Agamêmnon levantou-se furioso na assembleia. Tinha o coração cheio de negra raiva, e os olhos pareciam fogo faiscante. Com olhar maldoso, foi ao adivinho Calcas que ele dirigiu a palavra:

— Adivinho de desgraças, nunca profetizou em meu benefício! Aquilo de que mais gosta é profetizar sofrimentos! Nunca uma palavra benfazeja saiu da sua boca. Agora diz que foi por minha causa que Apolo trouxe esta desgraça, porque não aceitei o resgate pela minha serva Criseida. Ouça então o que lhe

digo: se isso salvar o exército, estou disposto a restituir Criseida ao pai, já que isso é no interesse de todos. Mas só o farei na condição de me darem outra serva, pois todos veem como estou sendo prejudicado.

Logo se levantou Aquiles, indignado, que deu ao rei esta ou-sada resposta:

— Glorioso Agamêmnon, mais ganancioso de todos os ho-mens! Como quer que nós lhe demos uma serva? Acha que há aqui algum fundo comum, cheio de servas que ficaram por dis-tribuir? Todos os despojos das cidades saqueadas já foram re-partidos. Restitua agora Criseida ao pai dela. E nós lhe daremos uma recompensa três vezes mais valiosa, quando Zeus nos per-mitir saquear Troia.

Mais irado ainda lhe respondeu Agamêmnon:

— Não pense em enganar-me, ó Aquiles! O que quer é passar à minha frente. Mas isso você não fará, pois em primeiro lugar estou eu. Quer ficar com a sua serva, forçando-me a ceder a mi-nha? Era o que faltava! E se nenhum de vocês quiser me dar recompensa condigna, irei a uma de suas tendas e de lá tirarei aquilo que quiser.

Com o sobrolho carregado, respondeu-lhe então Aquiles:

— Não tem vergonha de só pensar no seu proveito? Como quer que alguém o respeite, como quer que alguém lhe obede-ça? Sobretudo, quando estamos todos sofrendo por sua causa, sofrendo por você e pelo seu irmão. Eu, de minha parte, não tenho nada contra os troianos, pois a mim eles em nada me ofenderam. Nunca me levaram bois ou cavalos, nem jamais na minha pátria, na fértil Ftia, prejudicaram as colheitas, pois é grande a distância e muitos obstáculos há no meio: monta-nhas sombrias e o mar retumbante. Nós o seguimos até Troia para beneficiarmos Menelau; é por sua causa que combatemos os troianos. Mas nisso você não quer pensar. E ameaça vir você

mesmo tirar-me o prêmio, pelo qual tanto me esforcei pelos gregos. Nunca recebi prêmios como os seus, das vezes que saqueamos as cidades aliadas dos troianos. A maior responsabilidade na guerra tenho eu de assumir; mas quando chega o momento da distribuição dos prêmios, você fica com a maior parte, e eu com coisa pouca. Não, recuso-me a ficar aqui nessas condições. Amanhã voltarei para a Ftia com as minhas naus, pois não estou disposto a ficar aqui, a acumular tesouros para você.

Logo de imediato lhe deu Agamêmnon esta resposta amarga:

— Fuja da guerra, se é isso que quer! Não serei eu a pedir-lhe que fique por minha causa. De todos os reis gregos, você é para mim o mais odioso. Aquilo de que você gosta são conflitos e disputas. Mas vá, volte para sua casa com as suas naus e os seus companheiros, pois não quero saber de você, nem me interessa a sua ira. Mas isto fique já sabendo: assim como Apolo me tira a minha serva, irei à sua tenda tirar a sua, para que perceba finalmente que estou acima de você. Que doravante ninguém se atreva a declarar-se meu igual e comparar-se a mim na minha presença!

Quando Aquiles ouviu essas palavras, apoderou-se dele uma dor terrível. Hesitou. Conseguiria desembainhar a espada e matar Agamêmnon ou seria capaz de acalmar a ira e refrear o coração? Enquanto pensava no que fazer, tirando com a mão a espada da bainha, apareceu de repente a deusa Atena, vinda do Olimpo, visível apenas para ele. A deusa segurou o cabelo loiro de Aquiles, que se virou para trás, espantado. Ela lhe disse então estas palavras:

— Desci do céu para refrear sua fúria. Desista do conflito, não tire a espada. Insulte-o com palavras, tanto quanto quiser. No futuro, oferendas ainda mais valiosas serão trazidas a você, por causa da arrogância dele.

Assim falou a deusa e logo partiu para o céu. Aquiles repôs a espada, tal como lhe dissera Atena, e virou-se de novo para

Agamêmnon. Falou-lhe com palavras agressivas e carregadas de raiva:

— Você é um bêbado, um cão, um covarde! É vil e reles, e sua alma não tem uma gota de nobreza! Combater a sério, no furor da batalha, isso é coisa que nunca fez nem quis fazer. Muito mais agradável é ir pelo exército, arrancando os bens de quem levanta a voz para você. Rei predador do próprio povo, é sobre um exército de nulidades que você reina. Se assim não fosse, ó Agamêmnon, esta seria a sua última insolência.

Aquiles aproximou-se rapidamente do arauto, que segurava o cetro do rei, e arrancou-lhe o cetro das mãos. Depois disse:

— Vê este cetro? Vê como nunca mais voltará a dar folhas? É por ele que farei este enorme juramento. Não voltarei a combater. Mas um dia os gregos vão precisar de mim. E nesse dia você não poderá socorrê-los, visto que não vale nada. Verá todos os gregos caindo chacinados, nas mãos do grande Heitor, filho de Príamo, homem muito mais nobre que você. E nesse dia você se morderá todo de raiva e remorso, porque não honrou o melhor dos gregos, que sou eu.

Assim falou Aquiles, atirando o cetro ao chão. Quanto a Agamêmnon, continuava lívido de fúria, mas não se atrevia a enfrentar Aquiles, com medo de que ele se descontrolasse por completo e o matasse. Foi então que entre eles se levantou Nestor, o límpido orador, velho monarca de Pilos. De sua boca fluíam palavras doces como mel. Duas gerações de homens ele já vira morrer; e agora reinava sobre uma terceira. Bem-intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

— Ah, como é grande a desgraça da Grécia! Na verdade, quem tem a ganhar com estas disputas são os troianos. Muito se alegrariam Príamo e seus filhos se soubessem o que está se passando aqui. Agora ouçam a mim, pois sou mais velho e na vida já vi muita coisa. Conheci homens de outras gerações,

mais fortes do que vocês, e nunca esses homens me desconsideraram. Portanto, ouçam agora o meu conselho. Não queira, ó Agamêmnon, tirar a serva de Aquiles; pois foi a ele que os gregos deram esse prêmio. Quanto a você, ó Aquiles, não procure conflitos com o rei, pois devemos honrar os reis, o poder deles vem de Zeus. Sabemos que é mais forte, pois é filho de uma deusa. Mas ele é mais poderoso, porque reina sobre mais súditos. Agamêmnon, abandone a sua cólera contra Aquiles, pois todos precisamos dele como forte baluarte na guerra.

Mas Agamêmnon não se deixou convencer. Respondeu assim a Nestor:

— Aquele homem quer estar sempre acima dos outros, quer prevalecer sobre todos. Todos sabemos que ele é um grande guerreiro, mas isso lhe dá o direito de nos insultar?

Aquiles interrompeu-o e disse estas palavras:

— Só se eu fosse um covarde e uma nulidade é que lhe daria alguma consideração. Aos outros, dê as suas ordens, mas não pense mandar em mim, pois decidi nunca mais lhe obedecer. E ouça mais isto que tenho para declarar: não levantarei as mãos por causa da serva, visto que me tira algo que me foi dado. Mas dos meus outros bens, que estão junto da minha nau, desses você nada levará contra a minha vontade. Se tentar, rapidamente da minha lança correrá o seu sangue.

Pararam finalmente de se injuriar com palavras violentas, e a assembleia dispersou-se perto da praia onde estavam as naus. Aquiles dirigiu-se às suas tendas, na companhia de Pátroclo, seu melhor amigo e companheiro.

Por seu lado, Agamêmnon lançou ao mar uma nau veloz. Escolheu vinte remadores e embarcou nela a bela Criseida. Como comandante foi o ardiloso Ulisses, que se responsabilizou por entregar a donzela ao pai. Este recebeu a filha com alegria e rezou ao deus Apolo:

— Ouça-me, Senhor do Arco de Prata! Tal como antes deu ouvidos à minha prece e, para me vingar, dizimou a hoste dos gregos, também agora faça que se cumpra isto que peço: afaste dos gregos a pestilência repugnante.

Assim rezou e Apolo ouviu-o. A terrível epidemia chegou ao fim.

Agamêmnon, porém, não desistiu da ameaça que fizera e chamou até ele dois arautos, a quem ordenou que fossem à tenda de Aquiles tirar-lhe a serva, uma jovem bonita cujo pai era Briseu e, por isso, lhe chamavam Briseida. Os arautos obedeceram a Agamêmnon, ainda que contrariados, e caminharam cabisbaixos ao longo da praia do mar cheio de ondas. Chegaram às naus e às tendas dos mirmidões, o povo de que Aquiles era rei. Encontraram-no sentado na companhia de Pátroclo, junto da sua tenda, mas não se atreveram a dizer uma única palavra. Ficaram ali em pé, com medo do rei dos mirmidões, sem saber o que haveriam de dizer.

Aquiles, no entanto, percebeu a situação e disse-lhes:

— Aproximem-se, ó arautos, mensageiros de Zeus e dos homens. A culpa não é sua, mas de Agamêmnon, que aqui os manda para levarem Briseida. Que assim seja. Caro Pátroclo, vá lá dentro e traga a serva para eles levarem. E que eles sejam agora testemunhas perante Zeus e todos os deuses: não voltarei a combater, nem que todos os gregos sejam chacinados pelos troianos.

Assim falou; Pátroclo obedeceu ao companheiro e trouxe da tenda a bela Briseida, dando-a aos arautos para eles a levarem. Briseida chorava, pois, apesar da servidão, afeiçoara-se a Aquiles e não queria ir para a tenda de Agamêmnon. Mas os arautos levaram-na, muito contrariada.

Mal eles se afastaram, Aquiles rompeu em lágrimas. Foi sentar-se na praia, junto do mar, e chorou durante muito tempo, incapaz de se controlar. Mas depois olhou para o mar e levantou as mãos; e orou à mãe bem-amada, enquanto vertia lágrimas amargas.

Sentada nas profundezas do mar, na gruta subaquática que era o palácio de seu pai, a deusa Tétis ouviu a voz de Aquiles, seu filho. Rapidamente, como a névoa marinha, emergiu do mar cinzento. Sentou-se junto do filho que chorava na praia e acariciou-o com a mão.

— Meu filho, por que chora? Por que sofre dessa maneira? Fale, diga-me o que aconteceu.

Suspirando profundamente, Aquiles deu esta resposta à mãe:

— Mãe, a senhora já sabe. Para que falar a quem tudo sabe? Sabe que saqueamos uma cidade aqui perto e que de lá trouxemos ouro e servas. Mas Agamêmnon foi obrigado a restituir a serva dele, o pai dela é sacerdote de Apolo. E o rei tirou a serva que era minha, pois não queria ficar sem compensação. O que lhe peço agora é que Agamêmnon seja castigado, que sinta na pele a falta que lhe faço, pois jurei que não voltaria a combater. Vá até o Olimpo, até o palácio de Zeus, e peça a ele que favoreça os troianos na guerra e passe a prejudicar os gregos. Sei que Zeus tem uma dívida para consigo: só a senhora o defendeu naquele dia em que os outros deuses se revoltaram contra ele. Peça-lhe que favoreça os troianos, para que Agamêmnon perceba que devia ter honrado o melhor dos gregos.

Ao ouvir as palavras do filho, também Tétis começou a chorar.

— Ah, meu filho! Por que dei você à luz, amaldiçoada, por que o criei? Quem me dera que pudesse viver sem lágrimas e sem sofrimento, visto que curta é sua vida, sem duração! Está destinado que seja breve sua vida e mais do que todos os outros sofrerá. Mas como sei que demovê-lo é coisa que não consegui-

rei, farei sua vontade e irei ao palácio de Zeus. Julgo poder vencê-lo. Os homens sofrem, os deuses condoem-se, mas todos estamos sujeitos ao destino.

No dia seguinte, Tétis não esqueceu o que prometera ao filho. Emergiu de manhã cedo da onda do mar e subiu até o céu, ao Olimpo. Encontrou Zeus sentado longe dos outros deuses, no píncaro do Olimpo de muitos cumes. Sentou-se junto dele e com a mão esquerda lhe agarrou os joelhos, enquanto com a direita tocava no queixo do deus; pois era esse o gesto tradicional de súplica. Depois falou a Zeus nos seguintes termos:

— Zeus, se alguma vez o auxiliiei com palavras ou atos, faça que se cumpra esta minha prece: honre o meu filho, que está destinado a uma vida curta. O rei desonrou-o, tirando-lhe o prêmio que era dele. Castigue agora Agamêmnon, dando a vantagem aos troianos na guerra, para que os gregos percebam o que devem ao meu filho.

Assim falou a mãe de Aquiles. Mas Zeus não lhe deu resposta. Ficou sentado durante muito tempo em silêncio. Tétis, que continuava a agarrar-lhe os joelhos, disse então:

— Prometa o que peço e, em sinal da sua promessa, incline a cabeça. Ou então recuse, pois ninguém pode forçá-lo a nada, para que eu saiba que de todos os deuses sou aquela que menos considera e estima.

Zeus respondeu-lhe a contragosto:

— É triste aquilo em que me lança, pois provocará com Hera um amargo conflito: ela que já me acusa de favorecer os troianos na guerra. Agora peço que se retire discretamente, para que Hera não a veja. Refletirei como cumprir o que me pede. Inclinarei agora a cabeça para que acredite, pois da minha parte esta é a maior garantia entre os deuses imortais. Nenhuma palavra por mim confirmada ao inclinar a minha cabeça é revogável ou falsa.

Assim falou Zeus, inclinando a cabeça de escuros cabelos azuis. As madeixas imortais moveram-se, e o alto Olimpo tremeu. Tétis saltou do Olimpo coberto de neve para o mar profundo. E Zeus dirigiu-se para o seu palácio.

À sua entrada, todos os deuses se levantaram; nenhum ousou ficar sentado. Zeus sentou-se no seu trono. Porém, a visita de Tétis não tinha passado despercebida a Hera. Logo falou a Zeus com palavras mordazes:

— Quem foi a deusa que há pouco se aconselhou com você? Você gosta muito de me manter afastada e não me confia nada de livre vontade.

O pai dos homens e dos deuses deu-lhe esta resposta:

— Hera, não pense que alguma vez conseguirá compreender meus pensamentos. Portanto, não me faça perguntas nem procure saber o que vai no meu espírito.

Hera, a deusa rainha dos olhos grandes, exclamou:

— Filho de Crono, o que disse? Nunca no passado tive o hábito de lhe perguntar o que quer que fosse, mas sempre descansado você pôde planejar o que bem quis! Meu receio é este: que Tétis tenha procurado influenciá-lo, levando-o a favorecer os troianos, para assim honrar Aquiles.

Zeus, o deus das nuvens, respondeu assim à mulher:

— Se o caso é como diz, é porque foi essa a minha decisão.

Assim falou; e Hera ficou sentada em silêncio, tentando controlar as emoções no coração.

Os deuses banquetearam-se durante todo o dia, até o pôr do sol; e nada lhes faltou naquele festim, nem mesmo a lindíssima lira, tocada por Apolo, nem mesmo o canto das musas, que entoaram um canto alternado, respondendo umas às outras com voz maravilhosa. Quando desceu a luz brilhante do sol, cada um foi para seu palácio descansar. Zeus também deitou-se no seu leito; e ao seu lado dormiu Hera, deusa do trono de ouro.